

A apologia «Suscipe confessionem meam»

Uma das fontes mais seguras para o conhecimento da espiritualidade medieval é o estudo das *apologias*¹. Uma apologia é o que poderíamos chamar, em linguagem moderna, uma autocrítica de carácter penitencial. Nela o sacerdote reflecte as disposições interiores que o animam na celebração da missa, confessando a sua indignidade e exprimindo a sua angústia perante tão profundo mistério. Embora não seja certo, como geralmente se afirma, que todas as apologias, antes de passarem aos livros litúrgicos, como parte integrante do *Ordo missae*, enriqueciam os livros de devoção particular, destinados a religiosos e leigos, não resta dúvida que muitas destas composições foram primitivamente redigidas para alimento da piedade individual. Assim o estudo das apologias reveste-se ainda de interesse histórico para o conhecimento daquilo a que se convencionou chamar o sentimento religioso duma época.

As primeiras apologias surgem nos livros das liturgias celta, galicana e hispânica, a partir do séc. VIII. A conhecida composição *Ante conspectum divinae maiestatis tuae* aparece no *Missal de Stowe*² da liturgia celta, no *Missale Gothicum*³ da liturgia galicana e em um manuscrito do *Liber ordinum*⁴ da liturgia hispânica⁵. O *Missal de Bobbio*, misto de liturgia celta, galicana e romana, igualmente

¹ A palavra *apologia* não é invenção dos historiadores para designar este género de composição eucológica, mas aparece como tal nos livros litúrgicos, e mesmo já em alguns dos mais antigos testemunhos, como o *Missal Gótico* e o *Missal de Bobbio*, do séc. VIII. Esta designação, porém, não é termo único. Outras expressões aparecem nos documentos, como *Oratio pro se*, *Oratio ante altare*, *Apologia sacerdotis*, *Excusatio ante altare*, *Confessio sancta penitentis*, *Confessio peccatoris*, etc.; ou então simplesmente *Oratio*, *Confessio*, *Indulgentia*. Acontece ainda que certas apologias são atribuídas a personagens célebres da história: *Oratio S. Augustini*, *Oratio sancti Ambrosii*, etc..

² G. F. WARNER, *The Stowe Missal*, Vol. II, Printed text, London 1906, p. 14.

³ L. C. MOHLBERG, *Missale Gothicum*, Roma 1961, n. 275, p. 70.

⁴ M. FÉROTIN, *Le Liber Ordinum en usage dans l'Église Wisigothique et Mozarabe d'Espagne du cinquième au onzième siècle*, Paris 1904, col. 249, nota 1.

⁵ Esta composição é certamente de origem celta, mas nós não podemos subscrever a opinião de Bourque, segundo a qual o movimento de piedade que levou à criação das apologias seria «hérité du tempérament celte»: E. BOURQUE, *Étude sur les Sacramentaires Romains, seconde partie, tome second*, Roma 1958, p. 524. As apologias são fruto próprio da alma e da civilização medieval, num dos períodos de maior criatividade da sua história.

datado do séc. VIII, também já possui uma.⁶ No contexto da liturgia romana, as apologias surgem integradas no *Ordo missae* a partir da segunda metade do séc. IX⁷, fruto sem dúvida da fermentação cultural e espiritual da reforma carolíngia. Assistimos então a uma autêntica floração destas composições até ao séc. XII. É a época clássica das apologias. A grande maioria dos textos que chegaram até nós datam deste período.

Os historiadores ficam perplexos diante deste duplo fenómeno: por um lado, a profusão e variedade de composições; por outro, o grande número de textos que sobrecarregam o *Ordo missae* de certos documentos. Exemplo clássico deste estado de coisas é a chamada *Missa Latina* de Flácio Ilírico, que contém aproximadamente meia centena de apologias⁸. O primeiro aspecto do fenómeno tem explicação fácil. O período de floração das apologias corresponde à época de mais intensa produção eucológica da Idade Média. É de então que datam os grandes géneros literários próprios da eucologia medieval, como são as bênçãos de ramos, cinza, lume e cera, grande número de missas votivas e os outros textos que compõem o *Ordo missae*. O fenómeno das apologias não está isolado, mas integra-se neste movimento criador da civilização medieval.

O segundo aspecto do problema é de interpretação mais delicada. Como explicar esta avidez por tais preces em todos os momentos da celebração da missa, exprimindo todas praticamente os mesmos sentimentos? No nosso entender, este facto não pode separar-se, — não nos atrevemos a dizer que dele seja explicação cabal, — doutro movimento característico da mesma época, que é a celebração diária da missa, várias vezes até repetida. Tendo de subir frequentemente ao altar para celebrar tão augusto mistério, o sacerdote sente a necessidade de confessar as suas faltas, exprimir a sua indignidade e implorar de Deus a Sua misericórdia. Sentimos aqui toda a vibração da alma medieval, ao mesmo tempo simples e mística, rude e apaixonada.

⁶ PL 72, 556: *Ante oculos tuos, Domine, culpas quas fecimus*. Esta apologia, à semelhança das outras mais antigas, será integrada posteriormente nos livros de tradição romana, por exemplo, no Sacramentário de St-Thierry de Reims (*Reims, Bibl. Mun. ms. 213*); Pontifical de Langres do séc. X (*Dijon, Bibl. Mun. ms. 122*); Pontifical de Sazburg do séc. XI (*Paris, B. N. ms. lat. 820*).

⁷ O manuscrito *Reims 213*, datado da segunda metade ou fins do séc. IX, contém já uma longa série destas composições. O *Ordo missae* deste sacramentário foi editado por E. MARTENE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo IX.

⁸ Ver MARTENE, *o. c.*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo IV.

A partir do séc. XII assistimos a um movimento diametralmente oposto, que é a eliminação sistemática das apologias. Este fenómeno não é tão radical como certos autores parecem dar a entender⁹. As apologias continuam praticamente em todos os livros litúrgicos, mas o seu número diminui consideravelmente, ficando reduzidas em certos casos, embora raros, ao simples *Confiteor* que chegou até nós. Esta reacção contra as apologias é o sinal de nova atitude espiritual na celebração da Eucaristia. As causas desta mudança de mentalidade não estão ainda suficientemente esclarecidas. Várias hipóteses têm sido apresentadas para explicar o facto. A mais simplista é a de Ferreres, segundo a qual o desaparecimento das apologias é devido à prática da missa privada¹⁰. Certos manuscritos, na verdade, prevêm a recitação de determinadas apologias durante o canto do *Kyrie* e do *Gloria*, do Gradual e do Alleluia, da Epístola e do Evangelho. A missa rezada teria tido como consequência o desaparecimento de tais orações, uma vez que é o próprio celebrante a ler as partes cantadas. Não é evidentemente possível aceitar tal explicação, atendendo a que, se as apologias desapareceram, a missa solene continuou; e além disso as duas formas de celebração sempre coexistiram. Por outro lado, os manuscritos prevêm apologias para todos os momentos da celebração, que não apenas para as partes cantadas, até mesmo como preparação pessoal do celebrante, antes de subir ao altar¹¹.

Hipótese mais digna de atenção é a de Jungmann¹², retomada com certa reserva por N. M. Denis-Boulet¹³. A desafeição pelas apologias seria devida à frequência do sacramento da confissão, a partir da altura em que foi introduzida a disciplina actual da penitência. As apologias teriam surgido para corresponder a uma necessidade espiritual do celebrante, como meio de purificação interior, dado que a disciplina penitencial de então só era prevista para faltas graves e a aplicar depois de período mais ou menos longo de expiação. A prática da confissão frequente teria tido como resul-

⁹ Por exemplo, J. A. JUNGMAN, *Missarum Solemnia*, tom. I, Paris 1950, p. 111: «elles disparaissent presque d'un seul coup, à l'exception de quelques vestiges»; N. M. DENIS-BOULET, in A. G. MARTIMORT, *L'Église en Prière — Introduction à la Liturgie*, Paris 1961, p. 297: «Le X^e et XI^e siècles sont l'époque de leur plus grand développement. Puis elles disparaissent presque brusquement».

¹⁰ J. B. FERRERES, *Historia del Misal Romano*, Barcelona 1929, p. 78, n. 311.

¹¹ Ver mais adiante os lugares previstos para a recitação da apologia que estudamos: *Suscipe confessionem meam*.

¹² O. c., tom. I, p. 112.

¹³ O. c., p. 298.

tado o abandono das apologias¹⁴. Sem pretendermos minimizar a repercussão espiritual que teria tido na vida de piedade do clero e dos monges a introdução da nova disciplina penitencial, não cremos que tenha sido esta a motivação primeira da reacção contra as apologias. De facto, a oposição sistemática a estas é muito anterior à disciplina actual da penitência, só tornada efectiva, segundo os especialistas na matéria, a partir dos fins do séc. XII, princípios do séc. XIII¹⁵.

Somos de parecer que as causas deste, como de todos os grandes movimentos espirituais da história, são sempre muito complexas, não podendo reduzir-se a um único factor. Pensamos todavia que um dos factores mais determinantes da reacção contra este tipo de orações deveria ter sido a reforma da liturgia romana, iniciada nos fins do séc. XI pelo Papa Gregório VII (1073-1085). Como é sabido, este Pontífice não lutou só contra a ingerência dos Imperadores alemães na vida da Igreja. Procurou também purificar a liturgia de Roma das influências germânicas, introduzidas pelo célebre documento elaborado em Mogúncia nos meados do séc. X, o *Pontifical Romano-Germânico*¹⁶. A reforma teve como resultado o aparecimento do *Pontifical Romano do séc. XII*¹⁷, mais conforme com as tradições locais. Foi também este Papa que suprimiu definitivamente a liturgia hispânica, servindo-se para tal da poderosa influência de Cluny¹⁸. Supomos ser neste movimento de purificação e de expansão da liturgia romana que deve filiar-se o de oposição às apologias, pois tais composições são inteiramente alheias ao génio da liturgia romana.

Em abono desta hipótese apresentamos o exemplo concreto dum importante manuscrito, que brevemente será editado: o *Missal de Mateus*, da Biblioteca Pública de Braga, copiado no Sul da França no segundo quartel do séc. XII e trazido para Braga no quartel seguinte¹⁹. O estudo comparado do *Ordo missae* deste documento

¹⁴ «Les apologies disparaîtront quand on prendra une plus claire conscience de ce qu'est véritablement la remise des péchés et qu'on usera plus fréquemment du sacrement de pénitences». O. c., p. 112.

¹⁵ Ver, por exemplo, o estado geral da questão exposto por C. VOGEL, *Le pèlerinage pénitentiel*, «Revue des Sciences Religieuses», 38 (1964), pp. 113-123.

¹⁶ Ed. recente de C. VOGEL-R. ELZE, *Le Pontifical Romano-Germanique du dixième siècle*, Le texte (2 tom.), Città del Vaticano 1963.

¹⁷ M. ANDRIEU, *Le Pontifical Romain au Moyen-Age*, Tom. I, *Le Pontifical Romain du XII^e siècle*, Città del Vaticano 1938.

¹⁸ Sobre as vicissitudes históricas desta supressão ver: PIERRE DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, Lisboa-Paris 1947, pp. 341-430.

¹⁹ Sobre a natureza e procedência deste manuscrito ver: J. O. BRAGANÇA, *O Santoral do 'Missal de Mateus'*, «O Distrito de Braga», Vol. IV, Fasc. I-II (1968), pp. 153-198.

com o de dois sacramentários do séc. XI, *Paris, B. N. ms. lat. 821*, proveniente de Limoges, e *Paris, B. N. ms. lat. 2293*, utilizado em Moissac, permite deduzir que o *Missal de Mateus* depende dos dois anteriores, directa ou indirectamente²⁰. Ora o *Ordo missae* do manuscrito de Braga é muito mais simples que o das suas fontes e tal simplificação deve-se à supressão da maior parte das apologias. Esta verificação é tanto mais elucidativa quanto as orações de preparação e de acção de graças da comunhão são inteiramente semelhantes nos três documentos. Importa acrescentar que o *Missal de Mateus* provém sem qualquer sombra de dúvida dum mosteiro beneditino da órbita de Cluny, conquanto não seja possível determinar com exactidão em que *scriptorium* teria sido copiado. Nós pensamos que o método mais seguro para explicar os fenómenos de carácter litúrgico é o estudo dos próprios documentos litúrgicos, aliado às vicissitudes históricas de cada um.

O estudo das apologias está ainda praticamente por fazer. Além de certos trabalhos de carácter geral²¹, o único estudo verdadeiramente científico que conhecemos é o de Wilmart sobre a apologia *Summe sacerdos*²², que chegou até 1970 no *Missal Romano*²³, como preparação particular do sacerdote para a celebração da missa, *pro opportunitate dicenda*. Ora, para se fazer trabalho de síntese verdadeiramente estruturado, é indispensável primeiro o estudo concreto, individual, de cada apologia: sua origem, data, autor, função e história nos livros litúrgicos. É um trabalho desta natureza que procuraremos esboçar, referente à apologia *Suscipe confessionem meam*, sem pretendermos, aliás, esgotar o assunto. Mas antes faremos ainda algumas considerações de carácter geral sobre a natureza e estrutura interna duma apologia.

O que caracteriza antes de mais uma apologia é a confissão ou acusação de faltas, o reconhecimento da própria indignidade

²⁰ Ed. do *Ordo missae* destes três documentos: J. O. BRAGANÇA, O '*Ordo Missae*' de Braga, «O Distrito de Braga», Vol. IV, Fasc. III-IV (1970), pp. 561-590.

²¹ O estudo mais completo é ainda o de F. CABROL, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, Tom. I, 2.^a partie, col. 2591-2601.

²² D. A. WILMART, *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age latin*, Paris 1932, pp. 101-125.

²³ Como é sabido, o novo *Missal Romano* de Paulo VI eliminou todos os textos desta natureza.

diante de Deus, antes ou durante a celebração da missa. Esta confissão da própria indignidade pode revestir-se de expressões violentas, bem próprias da Idade Média. Vejamos, por exemplo,²⁴ o *initium* destas duas composições:

Ego miser peccator, qui me prae omnibus christianis *sceleratissimum* puto et scio...²⁵

Ad te plasmator meus, redemptor meus, saluator meus, ego *miserimus* servus tuus...²⁶

A confissão dos pecados é sempre de carácter genérico, embora às vezes possa dar a impressão de acusação concreta de faltas, como é o caso da apologia que nos propomos estudar. Tão longa acusação de faltas não é mais que a enumeração dos vícios, tendências e paixões que levam o homem ao pecado. As faltas, quando enumeradas de maneira concreta, devem ser olhadas mais como pontos de exame de consciência do que realmente faltas cometidas. O desejo do celebrante é humilhar-se e exprimir a sua indignidade perante Deus²⁷. Para quê, de resto, enumerar as próprias faltas? Deus as conhece melhor que ninguém, como explicitamente o declaram certas apologias:

Ignosce Domine [...] Tu enim conscientiae mee uulnera, tu cogitationum mearum occulta nosti, et immunditias meas tu solus agnoscis...²⁸

A humildade é característica essencial de toda a eucologia medieval, mas o motivo fundamental que leva o sacerdote a reco-

²⁴ Os textos que a seguir transcrevemos, para exemplificar de maneira concreta os elementos constitutivos duma apologia, não têm a pretensão de ser os mais significativos, mas foram tirados a esmo da imensa floresta das apologias.

²⁵ *Missa Latina*. MARTENE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo IV (Ed. de Veneza de 1783, Tom. I, p. 179 A).

²⁶ Manuscrito 1521 da biblioteca particular do Cardeal Chigi, a chamada *Missa de Bona*, do séc. XI. MARTENE, *o. c.*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo XII (Ed. c., p. 205 A-B). Ver mais abaixo o texto completo desta composição, que tem por base a apologia *Suscipe confessionem meam*.

²⁷ Para exprimir a indignidade do celebrante, surgem por vezes expressões verdadeiramente chocantes para a nossa sensibilidade de hoje, como esta da apologia *Ante conspectum divinae maiestatis tuae: nos homines immundi, sicut pannus menstruatae*. Esta expressão aparece várias vezes em Isaías (por exemplo: Is. 30, 22; sobretudo Is. 64, 6), e mostra que a inspiração bíblica é uma constante de toda a eucologia medieval.

O copista do manuscrito *Paris, B. N. ms. lat. 820*, do séc. XI, sentiu os mesmos escrúpulos que teríamos hoje ao transcrever esta passagem e suprimiu-a. Cf. *PL* 78, 248 B.

²⁸ *Paris, B. N. ms. lat. 18005*, fol. 15 v.-16, Sacramentário de Reichenau, do séc. XI: «Didaskalia», I (1970), p. 151, linhas 10-11.

nhecer e exprimir a sua indignidade é a celebração da Eucaristia. Tal motivação aparece concretizada em várias apologias²⁹, mas a que melhor exprime os sentimentos do celebrante neste ponto é sem dúvida alguma esta bela composição:

Deus qui de indignis dignos facis, de peccatoribus iustos, de inmundis mundos, munda cor meum et corpus meum ab omni cogitatione et sorde peccati, et fac me dignum atque strenuum sanctis altaribus tuis ministrum. Et concede propitius ut hoc altari, ad quod indignus accedo, hostias acceptabiles offeram...³⁰

As apologias não se destinam apenas a confessar a indignidade do celebrante, mas servem também para exprimir e proclamar a sua confiança na misericórdia de Deus. Todas as apologias são na realidade um cântico à misericórdia do Senhor. Este aspecto, que é fundamental, tem sido quase sempre esquecido pelos comentadores³¹. Tais sentimentos são por vezes expressos de maneira profunda e bela, como é o caso da apologia que estudamos, onde Deus é proclamado *unica spes salutis meae*. Vejamos mais dois exemplos, igualmente sugestivos:

Habes, Domine, confitentes reos. Parce quia pius es, quia tibi multa miseratio perabundat...³²

Benignissime ac misericordissime, serenissime ac clementissime Deus [...] tu piissime et misericordissime Deus, non intres in iudicium cum servo tuo...³³

O aspecto mais tocante destas composições é a sensibilidade que manifestam por vezes na compreensão da fraqueza humana.

²⁹ Esta ânsia de exprimir a própria indignidade transparece até em certas preces de ofertório, como, por exemplo, nesta do *Sacramentário de Reichenau*, ed. c. p. 153, linhas 28-30: *Item oblatio pro semetipso. Suscipe sancta Trinitas hanc oblationem quam tibi offero pro me peccatore et miserrimo omnium hominum, pro meis peccatis innumerabilibus...*

³⁰ Esta composição, se não é a mais bela do género, é pelo menos a que maior sucesso teve, pois raros são os manuscritos que a desconhecem. A Liturgia de Lyon conservou-a até hoje no seu *Ordo missae*.

Transcrevemos o texto do *Sacramentário de Reichenau*, ed. c., p. 151, linhas 18 sgs.

³¹ Vejamos, por exemplo, a definição clássica de MÉNARD, PL 78, 514: «Apologia hoc loco est excusatio, et purgatio, qua sacerdos excusat se, eo quod indignus ad tam veneranda et tremenda mysteria accedat».

³² Apologia *Ante oculos tuos, Domine, culpas quas fecimus*. PL 72, 556. Cf. supra nota 6.

³³ *Missa de Bona*. Cf. supra nota 26 (Ed. c., p. 205 B). Esta composição não é mais que uma longa paráfrase da antiquíssima apologia *Ante conspectum diuinæ maiestatis tuæ*, que lhe serviu de base.

Eis o exemplo singularmente expressivo da apologia *Ante conspectum divinae maiestatis tue*:

[...] Recordare, Domine, quod caro sum. In tuo conspectu etiam coeli non sunt mundi, quanto magis nos homines mortales... ³⁴

Além da *confissão* das faltas, outro elemento constante e universal que caracteriza todas as apologias é a *súplica* pelas diversas intenções do celebrante. Este elemento, estrutural, faz das apologias um género à parte, mas autêntico género de *eucologia* cristã. E as intenções do celebrante são o caminho mais directo que temos para conhecer o seu íntimo, porque deixam transparecer com toda a limpidez a sua angústia espiritual e as suas preocupações pastorais. Por quem pede o celebrante? Por si mesmo, naturalmente, em primeiro lugar: pela remissão das suas faltas e para que o arrependimento exteriorizado seja efectivo e transforme o seu coração e a sua vida. A motivação desta súplica é por vezes extremamente interessante, como no caso da apologia *Ignosce Domine*:

Miserere [...] nec indignum misericordiae tuae iudices, quem pro aliis rogare permittis... ³⁵

O celebrante pede também pelos outros, e é sobretudo nessas intenções que sentimos as suas preocupações pastorais. Pede em primeiro lugar pelos benfeitores e todos os que o favorecem com esmolas; pede pelos familiares e parentes, quer de ordem humana, quer espiritual; pelos que se recomendaram às suas orações, assim como por aqueles que por ele rezam; pede até generosamente pelos inimigos. Há ainda aqueles por quem sente obrigação de pedir, especialmente os que porventura por ele foram escandalizados. A intenção, porém, mais significativa é a oração por aqueles que o sacerdote ouviu de confissão. Vejamos, por exemplo, a bela composição *Tuam Domine clementiam deprecor*:

[...] indignum me exaudire digneris pro omnibus quorum confessiones uel elemosinas suscepi... ³⁶

Como é sabido, no regime da penitência *tarifada*, o sistema das *comutações* permitia ao penitente uma redução da expiação prevista

³⁴ Paris, B. N. ms. lat. 820, Pontifical de Sazburg adaptado ao uso de Sées, dos meados do séc. XI. PL 78, 246; MARTENE, o. c., Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo XIII (Ed. c. p. 208 A). Cf. *supra* nota 27.

³⁵ Sacramentário de Reichenau. Ed. c., p. 151, linhas 11-13.

³⁶ *Ibidem*, p. 149, linhas 19-20.

pelos *Libri poenitentiales* mediante a esmola, de que eram beneficiários os pobres, a Igreja e os *servi Dei*, entre os quais o próprio confessor³⁷. Pelas apologias se vê que eles sentiam bem o peso dessa responsabilidade no coração!

Comecemos a história da apologia *Suscipe confessionem meam* pela história do texto. No aparato crítico não tivemos em conta as variantes de ortografia, nem os erros evidentes dos copistas. A ordem das siglas não é alfabética, mas cronológica, de harmonia com o quadro das fontes, que mais abaixo publicamos; a sua identificação deve procurar-se pela mesma ordem dos documentos em questão: C R I D T S M B N O L H F V.

Suscipe confessionem meam, unica spes salutis meae, Domine Deus meus: gula, ebrietas, fornicatione, libidine, tristitia, accidia, somnolentia, negligentia, ira, cupiditate, invidia, malitia, odio, detractio, periurio, falsitas, mendatio, vana gloria, levitate ac superbia perditus sum. Et omnino cogitatione, locutione, actione, atque omnibus sensibus extinctus. Sed tu qui iustificas impios et vivificas mortuos, iustifica me, et resuscita me Domine Deus meus.

unica] una F
 spes salutis meae] spes mea L
 Deus meus] Iesu Christe *add.* I Deus V
 gula] quia *praem.* CIBNOHV
 libidine] *om.* V
 tristitia accidia] accedia tristitia C
 accidia] *om.* OV
 negligentia] *om.* SBHV
 tristitia ... ira] tristitia, avaritia, ira, acedia, somnolentia, negligentia F
 cupiditate] *om.* BHV
 detractio ... mendatio] *om.* V
 ac] et I
 omnino] omni SBNHV omnibus modis L
 sensibus] malis IS
 extinctus] sum *add.* RITSOF extinctis V
 Sed tu] *om.* CRITMBNOLHV O Domine F
 iustificas] vivificas B
 vivificas] resuscitas V
 iustifica me] vivifica me CDSMBNLHV

³⁷ C. VOGEL, *Composition légale et commutations dans le système de la pénitence tarifée*, «Revue de Droit Canonique», IX (1959), p. 28.

et resuscita] *om.* N
 me] *om.* NV et miserere mei *add.* C
 domine] *om.* CS
 Deus meus] Deus noster H Amen *add.* DOL Qui vivis et regnas
add. ITNHV Per Iesum Christum Filium tuum, etc. *add.* F

Esta apologia, à semelhança de várias outras, tem dupla vida e dupla história: como prece de devoção particular e como texto de oração litúrgica. A sua origem é perfeitamente conhecida desde que Wilmart editou a colectânea por ele intitulada *Magnus libellus Turonensis*³⁸, contida no manuscrito *Paris, B. N. lat.* 13388. Este códice foi copiado em Tours à volta de 850. É nessa altura também que deve ter sido redigida esta prece, porque ela não aparece nos *libelli* anteriores, igualmente procedentes de Tours.³⁹ É o texto deste documento que acima transcrevemos.

A vida desta composição nos livros de piedade não nos interessa aqui, e mesmo só poderá ser feita quando forem estudados e editados os inúmeros devocionários medievais que precederam os conhecidos *Livros de Horas*. O nosso objectivo é apenas esboçar em linhas gerais a sua história nos livros litúrgicos, até ao séc. xv. Não pretendemos além disso apresentar trabalho exaustivo com resultados definitivos, porque nos não foi possível examinar todos os manuscritos que seria para desejar. Examinámos apenas cerca de 320, entre o séc. ix e o séc. xiv, e nem todos possuem, como é óbvio, um *Ordo missae*. Para uma exposição completa seria também necessário indicar todos os códices consultados, mas os limites dum simples artigo não permitem semelhante amplitude de erudição. Limitar-nos-emos a indicar os resultados do inquérito, ou seja, os manuscritos onde se encontra o texto. O quadro seguinte, ordenado por ordem cronológica dos documentos, permitir-nos-á acompanhar a vida, expansão e desaparecimento desta apologia na prece litúrgica:

Paris, B. N. ms. lat. 12052 — C

Sacramentário de St-Vaast e Corbie. Entre 972-986⁴⁰.

Ed. MENARD = *PL* 78, 241-242 (*Ordo missae*).

³⁸ D. A. WILMART, *Precum libelli quattuor Aevi Karolini*, Roma MCMCL, p. 411.

³⁹ Também editados por WILMART na mesma obra.

⁴⁰ Na datação dos manuscritos franceses seguimos em princípio o trabalho de V. LEROQUAIS, *Les Sacramentaires et Missels manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, 3 tom., Paris 1924.

Ver também sobre este manuscrito E. BOURQUE, *Étude sur les Sacramentaires Romains, seconde partie, tome second*, Roma 1958, pp. 261-262; 336-337.

Paris, B. N. ms. lat. 18005, fol. 14 v. — R
Sacramentário de Reichenau. Séc. XI, princípios.
Ed. «Didaskalia», I (1971), 139-157 (*Ordo missae*).

Missa Latina de Flacius Illyricus — I
(Ms. perdido da Bibl. do Eleitor Palatino de Heidelberg).
Ordo missae da catedral de Minden. À volta de 1030 ⁴¹.
Ed. MARTENE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII,
Ordo IV. Também reproduzida na PL 138, 1305-1336.

Paris, B. N. ms. lat. 9436, fol. 6 — D
Sacramentário de St-Denis. Séc. XI, meados ⁴².

Paris, B. N. ms. lat. 818, fol. 20 — T
Missal beneditino utilizado em Troyes. 1060 ⁴³.

Paris, B. N. ms. lat. 820 — S
Pontifical de Salzburg, adaptado a Séez. Séc. XI, 2.ª metade. ⁴⁴
Ed. MARTENE, *o. c.*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo XIII.
Também reproduzido na PL 78, 245-251 (*Ordo missae*).

Colmar, Bibl. Mun. ms. 443, fol. 13 v.-14 — M
Missal de Murbach. Séc. XI.

Monserrat, Bibl. do Mosteiro, ms. 72, fol. 103 — B
Sacramentário de Sant Romà dels Bons (Andorra). Séc. XII,
princípios ⁴⁵.

Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 86 — N
Sacramentário dum Mosteiro da Narbona. Séc. XII.

⁴¹ Bibliografia referente a este célebre documento em E. BOURQUE, *o. c.*, pp. 333-335.
O nome de *Missa Latina* foi-lhe dado na primeira edição, Strasbourg 1577, por Flácio Ilírico.

⁴² MARTENE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo V, editou o *Ordo missae* deste códice, mas nem sempre transcreve o texto completo das orações. Nós examinámos pessoalmente o manuscrito.

⁴³ MARTENE, *o. c.*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo VI, fez também uma edição parcial do *Ordo missae* deste códice. Examinámos pessoalmente o manuscrito.

⁴⁴ Sobre a história deste códice, ver BOURQUE, *o. c.*, p. 338; e sobretudo M. ANDRIEU, *Les Ordines Romani du Haut Moyen Age*, tom. I, Louvain 1931, pp. 352-355; V. LEROQUAIS, *Les Pontificaux manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, tom. I, Paris 1928, pp. 292-296.

⁴⁵ Sobre este códice, ver A. OLIVAR, *Els manuscrits litúrgics de la Biblioteca de Montserrat*, Monestir de Montserrat 1969, pp. 40-43.

Paris, B. N. ms. lat. 821, fol. 8 v. — O

Sacramentário dum Mosteiro de Limoges (mão do séc. XII).⁴⁶

Paris, B. N. ms. lat. 9442, fol. 176 — L

Missal de Langres. Séc. XIII, 2.^a metade.

Barcelona, Arch. Corona de Aragon, S. Cugat 24, fol. 8 — H

Sacramentário de San Cugat. Séc. XIII, fins.⁴⁷.

Sacramentário de Fonte Avellana — F

Manuscrito perdido? Séc. XIII?⁴⁸.

Ed. PL 151, 931-937 (*Ordo missae*).

Missal de Sant Vicens de Cardona — V

Ms. do Arq. particular de Mossèn Serra i Vilaró — Séc. XV.⁴⁹

Ed. «Analecta Sacra Tarraconensia», VI (1930), 299-300 (*Ordo missae*).

Este simples catálogo das fontes litúrgicas da apologia *Suscipe confessionem meam* permite-nos já deduzir, com toda a segurança, as linhas gerais da sua história. Redigida em Tours no ambiente cultural e espiritual da reforma carolíngia orientada por Alcuino, nos meados do séc. IX, cedo foi incorporada na liturgia, pois aparece cerca de 30 anos mais tarde no *Sacramentário de Ratold*, escrito em Corbie para St-Vaast e depois adaptado ao uso do mosteiro de origem. Do séc. X não conhecemos testemunho algum; mas no século XI aparece em diversos documentos da França e da Alemanha. A partir do séc. XII, sobrevive apenas, se exceptuarmos o Missal de Langres, em mosteiros das duas vertentes dos Pirenéus. Por mais estranho que pareça, esta prece, redigida em Tours nos meados

⁴⁶ Este manuscrito é do séc. XI. A apologia *Suscipe confessionem meam* foi acrescentada por mão do séc. XII no fol. 8 v., no espaço em branco entre o *Sanctus* e o *Te igitur*.

⁴⁷ O mesmo texto aparece também no ms. 14 do *Fundo de Sant Cugat* (Missal de Sant Cugat de 1349): FRANCESC X. MIQUEL ROSELL, *Catàleg dels llibres manuscrits de la Biblioteca del Monestir de Sant Cugat del Vallès existents a l'Arxiu de la Corona d'Aragó*, Barcelona 1937, p. 32. Não nos foi possível examinar este códice.

⁴⁸ MIGNE, PL 151, 878, não indica a procedência deste manuscrito, nem o data com precisão. Limita-se a indicar vagamente *quod videtur antiquius primo*. O anterior parece ser do séc. XIV.

⁴⁹ Sobre este códice ver J. SERRA I VILARÓ, *Notes d'Arxiu. II — De l'arxiu particular de Mossèn Serra i Vilaró. 1 — Missal de la Collegiata de Sant Vicens de Cardona*, «Analecta Sacra Tarraconensia», VI (1930), pp. 296-300.

do séc. IX, conserva-se ainda viva no séc. XV numa Colegiada de Espanha, em Cardona.

Vejamos agora a história interna, pròpriamente litúrgica, desta apologia, isto é, a função ritual e espiritual que desempenhou no *Ordo missae* das diversas comunidades que a adoptaram. Importa salientar, antes de mais, que foi redigida já na intenção de ajudar a melhor participação da missa, muito embora a título privado, pois o mais antigo testemunho, o *Magnus libellus Turonensis*, indica claramente: *Confessio peccatorum brevissima inter missas*.

A sua função litúrgica em Langres, no séc. XIII, parece ter sido a de preparação próxima do celebrante para a celebração da missa, pois está colocada no manuscrito antes das orações dos paramentos⁵⁰. Em Corbie, Reichenau e Murbach, conforme indicam as rubricas, é recitada pelo celebrante no fim da procissão do Intróito, antes de subir ao altar. Também parece ser este mais tarde o seu lugar nos documentos das duas vertentes dos Pirenéus, Andorra, Sant Cugat e Narbona⁵¹, mas as rubricas não são claras, limitando-se a indicar que deve ser dita *ante altare*. Pelo contrário, em St-Denis,

⁵⁰ Assim começa o *Ordo missae* deste códice: *Paris, B. N. ms. lat. 9442, fol. 175 v.: Incipit ordo sacerdotalis.*

Oratio ad manus lauandas. Lauabo inter innocentes manus meas... *Ps. Quam dilecta...*

Fol. 176. Oratio ad introitum altaris. Veniam peto, Domine Iesu Christe, et sanctis angelis atque archangelis tuis cum omni agmine... meis peccatis.

Confessio. Suscipe confessionem meam, unica spes mea, Domine Deus meus... Amen.

Alia. Domine Iesu Christe, distilla in corde meo unam stillam dilectionis tue... benedictionis tue. Amen.

Alia oratio. Deus qui de indignis dignos facis, de peccatoribus iustos /*Fol. 176 v./... pro nobis obtulit et tecum uiuit.*

Oratio beati Ambrosii. Summe sacerdos et uere pontifex... eternum. Amen.

/Fol. 178 v./ *Ad Spiritum sanctum.* O lux mentium repelle a me ... fine Deus uiuit.

/Fol. 179/ *Quando ponit amictum in capite.*

Seguem-se as orações dos paramentos.

⁵¹ Eis o começo do *Ordo missae* deste sacramentário: *Avignon, Bibl. Mun. ms. 178, fol. 85 v.:*

Orationes quae sunt dicende ante altare.

Deus qui de indignis dignos facis, de peccatoribus iustos, de inmundis mundos /... *Fol. 86/ sacrificium obtulit. Et tecum uiuit et regnat.*

Alia. Suscipe confessionem meam, unica spes salutis mee, Domine Deus meus ... Qui uiuis.

Ad munera imponenda. Grata tibi sit, Domine, hec oblatio quam tibi offerimus pro nostris /*Fol. 86 v./ delictis, et pro nostra ecclesia tua sancta catholica.*

Ad calicem. *Oratio.* Offerimus tibi, Domine, calicem Christi filii tui domini nostri, deprecantes clementiam tuam, ut ante conspectum diuine maiestatis tue cum odore suauitatis ascendat.

Ad munera imposita. Veni sanctificator omnipotens eterne Deus, benedic et sanctifica hoc sacrificium tibi preparatum.

Quando uertit se ad populum. *Oratio.* Orate fratres, ut meum pariter ac uestrum sacrificium acceptum sit Deo.

Minden e Salzburg, e mais tarde em Cardona, é recitada depois de subir ao altar, após o beijo ritual deste. Em Fonte Avellana, está prevista para ocupar a devoção do celebrante durante o canto da Epístola, do Gradual e do Alleluia. Finalmente em Troyes é recitada durante o canto do Ofertório.

Para completar a história desta apologia, importa acrescentar que ela serviu de inspiração e de base a outras composições, devido certamente à sua concisão literária e beleza espiritual. Assim a célebre *Missa Latina*, editada por Flácio Ilírico, contém uma apologia com igual *incipit*, dando a impressão de ser a mesma, mas o texto foi inteiramente remodelado:

Suscipe confessionem meam unica spes salutis meae, Domine Deus meus, quia peccavi in lege tua in cogitationibus, in verbis, in factis, et multa sunt peccata mea, et negligens sum de opere Dei, et de ordine meo, quia peccavi de vana gloria, de superbia, de detractatione, de fornicatione, de furto, de falso testimonio, de periurio, de adulterio, de opere Dei, quod ego negligenter feci, de concupiscentia carnali, de risu, de auditu, de visu, de gula, de crapula, et de omnibus malis meis, quae ego negligenter commisi, veniam inde peto Domine, quia culpabilem me recognosco ⁵².

Mais interessante ainda é o caso dum *Ordo missae* não identificado, publicado por Martène. O texto desta apologia é o mesmo até meio, sendo depois remodelado para acrescentar a acusação de pecados ainda bem maiores!

Suscipe confessionem meam, unica spes salutis meae, Domine Deus meus, gula, ebrietas, fornicatione, libidine, tristitia, acidia, somnolentia, negligentia, ira, cupiditate, invidia, malitia, odio, detractatione, periurio, falsitate, mendacio, vana gloria, levitate, murmuratione, discordia, transgressione propositi mei, ac heu miser in omni cogitatione, et locutione perditus sum et extinctus. Et Sodomorum et Gomorreorum iniquitatem meo scelere vici, ideo precor te, Domine, qui vivificas mortuos et iustificas impios, ut digneris me iustificare a peccatis, et ad vitam aeternam perducere. Per ⁵³.

⁵² MARTÈNE, *De antiquis ecclesiae ritibus*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo IV (Ed. c. p. 183 B).

⁵³ MARTÈNE, *o. c.*, Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo XV (Ed. c. p. 212 A). Martène não data este manuscrito, limitando-se a dizer: «Ex ms. codice Stabulensis monasterii, qui videtur olim fuisse ecclesiae Virdunensis».

A chamada *Missa de Bona*, de origem italiana, datada dos fins do séc. x, princípios do séc. xi, possui uma longa apologia que tem por núcleo central o texto da que estudamos:

Ad te, plasmator meus, redemptor meus, salvator meus, ego miserimus servus tuus ad te cordis devotione confugio. Tu quia pius es miserere mei, et suscipe confessionem meam unica spes salutis meae, Domine Deus meus: Nam gulae, ebrietatis et crapulae vitiis quotidie sine intermissione deservio, et delector. Fornicationis, pollutionis, et libidinis stercorebus ab ipsa pene pueritia putrefactus sum: et omni spurcitia et immunditia libidinis intus exteriusque maculatus sum. Tristitia, acedia, somnolentia, iracundia, concupiscentia, cupiditate, avaritia, invidia, malitia, odio, detractio, suspicione, simulatione, periurio, falsitate, mendacio, negligentia, inobedientia, vana gloria, levitate, ac superbia perditus sum: et omni mala cogitatione, locutione, sive actione, atque omnibus malis et iniquitatibus extinctus sum. Sed tu qui iustificas impios et vivificas mortuos, iustifica me et resuscita me Domine Deus meus ⁵⁴.

A apologia *Suscipe confessionem meam* é também a fonte de inspiração duma composição que tem particular significado para a história do Missal Romano:

Ante conspectum divine maiestatis tue, Domine, his sanctis tuis confiteor tibi Deo meo et creatori meo, mea culpa quia peccavi in superbia, in odio et invidia, in cupiditate et avaritia, in fornicatione et immunditia, in ebrietate et crapula, in mendatio et periurio, et in omnibus vitiis que ex his prodeunt. Quid plura? Visu, auditu, olfactu, gustu et tactu, et omnino in cogitatione et locutione et actione perditus sum; quapropter qui iustificas impios, iustifica me, et resuscita me de morte ad vitam, Domine Deus meus ⁵⁵.

Como se vê, a lista dos pecados é semelhante nas duas composições e a redacção literária idêntica, tendo apenas mudado o *incipit*, que tomou a forma de *Confiteor*. Com esta redacção aparece num dos mais antigos documentos da missa medieval na linha da tradição romana: *Paris, B. N. ms. lat. 9432*, Sacramentário de Amiens, da segunda metade do séc. ix. Este documento é considerado como um dos protoparentes do *Ordo missae* romano que chegou até nós.

⁵⁴ MARTENE, o. c., Lib. I, Cap. IV, Art. XII, Ordo XII (Ed. c. p. 205 A-B).

⁵⁵ *Paris, B. N. ms. lat. 9432*, fol. 11. Texto transcrito por V. LEROQUAIS, *Les Sacramentaires et les Missels manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, tom. I, Paris 1924, p. 39. Examinámos pessoalmente o manuscrito.

As origens deste não estão ainda bem esclarecidas, mas por aqui vemos que um dos textos mais antigos que o integram está inspirado numa prece redigida em Tours à volta de 850.

As apologias desapareceram todas da liturgia actual, e ninguém pensa em ressuscitá-las, como ninguém pensa em voltar ao passado. Elas são o símbolo duma época e o reflexo de certa corrente de espiritualidade. Contêm todavia uma lição que nos parece ainda actual: do ponto de vista eucológico e literário, a simplicidade e a inspiração bíblica, que caracterizam toda a eucologia medieval; do ponto de vista espiritual, a humildade, a consciência nítida do pecado e da fragilidade humana, de par com uma total confiança na misericórdia de Deus.

JOAQUIM O. BRAGANÇA